

A Etnofarmacobotânica na simbiose *homem/natureza/crença* seguindo as trilhas de Lampião e seu bando pelos domínios de Padre Cícero, em meio às caatingas do Geopark Araripe no Ceará

Telégrafo e imprensa como fontes documentais da história do cangaço¹

Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo

Aristides de Arruda Camargo Neto²

Resumo

Visa o presente trabalho, dar destaque à farmacobotânica voltada às espécies da caatinga do Geopark Araripe CE, como parte da tradição médico-popular do sertanejo de hoje e daqueles que, em inícios do século XX, tornaram-se cangaceiros, tal como foi Lampião e seu bando. Medicina sob a égide de Padre Cícero, aquele capaz de mediar conflitos e minorar sofrimentos, despertando no nordestino um elevado sentimento de gratidão pelas benesses dele advindas. Visa, ainda, destacar o papel do telégrafo e da imprensa como fontes documentais desse período histórico do cangaço.

Palavras chave: Etnofarmacobotânica; Cangaceiros; Padre Cícero.

¹ Texto extraído do trabalho *A Etnofarmacobotânica a partir da visão panorâmica de uma turista aprendiz¹, pelos caminhos que cruzam o Geopark Araripe CE* apresentado no “Cariri Cangaço 4” da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço, em Juazeiro do Norte – 2013.

² Arquivista disponibilizando seu acervo de documentos relacionados a assuntos de cangaço.

Abstract

The object of this paper is to highlight pharmaco-botanics regarding the "caatinga" species found in the Geopark, Araripe, in the Brazilian State of Ceará, as a part of the medical-popular tradition of the backwoods-men of today in contrast with those, in the beginning of the 20th Century, became "cangaceiros"(outlaws), exactly like "Lampião" and his gang. Medicine under the aegis of "Padre Cícero", a priest capable of mediating conflicts and mitigating suffering, kindred in northeastern a high feeling of gratitude for the many benesses he distributed.

This paper also highlights the role of the telegraph and the press as documental sources of this historic period of the "cangaço"(outlawry, banditry).

Keywords: Etnophacobotany; Cangaceiros (out-laws); Padre Cícero.

Introdução

A Etnofarmacobotânica compreende área de estudos, a qual tem por privilégio, conduzir o pesquisador por caminhos muitas vezes surpreendentes, onde vai se deparar com inusitados contextos socioculturais em seu relacionamento com as plantas medicinais e os costumes de preparar remédios, por parte de curadores em suas denominações próprias segundo os grupos humanos aos quais se ligam:

curandeiros, raizeiros, benzedeiras, pais e mães-de-santo, juremeiros, catimbozeiros, pajés urbanos e pajoas, entre outros.

Incluímos neste rol, aqueles que, sem uma identificação própria, movidos pelas circunstâncias, praticavam essa nobre arte: os cangaceiros, lembrando-nos de Virgulino Ferreira da Silva, o célebre Lampião e seu bando, figuras que um dia fizeram história, aquela sobre a qual estudiosos se debruçam para esmiuçar seus feitos. É nesse ambiente que nos detemos a fim de buscar conhecer como se curavam, como eram as terapias à base de plantas medicinais as quais a natureza lhes oferecia pelos caminhos que cruzavam as caatingas espalhadas pelo Geopark Araripe CE e, em que medida o fator religioso lhes dava suporte.

Lampião, em uma entrevista concedida ao Dr. Octacilio Macedo, médico do Crato CE, em 1926, perguntado como resolvia seus ferimentos, disse-lhe:

Já recebi quatro ferimentos graves. Dentre estes, um na cabeça, do qual, por milagre, escapei.

Possuímos, porém, no grupo, pessoas habilitadas para tratar dos ferimentos, de modo que sempre somos convenientemente tratados. Por isso, como o senhor vê, estou forte e perfeitamente sadio, sofrendo, raramente, ligeiros ataques de reumatismo (Macedo, 2012: 232).

Admitia o próprio Lampião, como dizem Araújo & Fernandes (2005:119), que o sucesso dos procedimentos médicos adotados decorria não só da perícia de quem dominava os procedimentos, como na crença no poder do corpo fechado e na fé nos poderes dos patuás junto ao corpo. Lampião trazia “pendentes no pescoço, saquinhos encardidos contendo

rezas salvadoras, bentinhos milagrosos, medalhas protetoras [...]” (Prata, 1934).

Em destaque uma matéria publicada em 19 de dezembro de 1934 pelo *Diário de Pernambuco*³ - Viajando pelo sertão – reproduzindo o encontro do enviado do jornal, em Garanhuns, com Lampião na casa do cirurgião dentista Mário Matos, quando de sua passagem por aquela cidade. Na ocasião, foi possível observar que estava com ele a tiracolo uma bolsa, onde trazia “um arsenal médico: uma pinça para retirar bala, gaze, algodão, iodo, ácido fênico e comprimidos diversos”. Tal notícia nos faz crer que os pertences daquela bolsa ficavam sob sua guarda, mesmo quando estava só, como naquele momento, como narra o autor da matéria Diegues Junior.

Durante nossas andanças pelo Geopark Araripe, que, desde o final dos anos 90 vimos realizando, conhecemos muitos lugares, ouvimos muitas histórias interessantes, enquanto turistas aprendizes, plagiando Mário de Andrade quando de sua viagem ao Amazonas em 1927, interessado em conhecer a feição do povo daquelas bandas. A bordo de um navio, ia anotando tudo que o interessava, ora num pequeno anuário de bolso que lhe haviam dado ao embarcar, ou em papéis de carta, costas de contas, margens de jornais, conforme foi por ele narrado em seu diário de viagem, em *O turista aprendiz* (Andrade, 2002: 29). De nossa parte, procuramos fazer os apontamentos que julgávamos importantes, a fim de, posteriormente, construir nossas ideias sobre a medicina daquela gente com as plantas medicinais disponíveis e, ao mesmo tempo, projetá-las ao tempo de Lampião e seu bando.

Nos retornos a casa, encetávamos buscas na bibliografia existente que pudessem esclarecer pormenores sobre o Geopark Araripe e a caatinga ali existente, bioma único no mundo, e as plantas medicinais ali medrando e seus usos pelas populações locais, assim como por Virgulino e seu bando quando problemas de saúde os atingiam, lá pelos anos 20/30 do século passado.

Com o material aqui reunido, propomos dar nossa contribuição aos estudos etnofarmacobotânicos voltados às plantas medicinais nativas, próprias do bioma Caatinga, em sua batalha rotineira para sobreviver às intempéries sazonais que lhes são impostas, acumulando ao mesmo tempo,

3

sustâncias ativas de valor medicinal, tendo aquele bioma, único no mundo, o sertanejo como seu companheiro. Este que, à sua maneira, também procura sobreviver às dificuldades de toda ordem, as quais, de certa forma, também lhe são impostas pelas adversidades da vida de homem pobre, vivendo como pode, no usufruir daquilo que a natureza lhe oferece e da religiosidade que o conforta. Destacamos o elemento religioso voltado à devoção a Padre Cícero, adorado como santo “fazedor de milagres”, como diz Neves (1997).

Interessados em conhecer como os fatos relacionados ao cangaço restrito ao Nordeste eram divulgados em outras regiões, buscamos suporte no acervo particular de Aristides de Arruda Camargo Neto, estudioso do cangaço, o período em que atuou Lampião e seu bando. Paralelamente, buscamos conhecer, a partir do acervo do Jornal *O Estado de São Paulo*, como eram as notícias que iam chegando ao Sudeste em tempo real.

Desde o século XIX, já denunciava o que viria a ser a formação de grupos de indivíduos descontentes ante a uma sociedade marcada pela desigualdade socioeconômica. O que se sabia sobre os acontecimentos ocorridos lá pelos rincões do Nordeste decorria do que a imprensa passava. Tarefa insana para pesquisadores em geral, visto ser a fonte disponível. Neste sentido, louvável o trabalho hercúleo de Paulo Medeiros Gastão (2012), reunindo fontes preciosas para pesquisas, buscadas na organização de seu acervo particular, material reunido de 1930 a 2009.

Foi no final do século XIX que jornais e revistas incorporaram o telégrafo como meio de se manter em contato com correspondentes e colaboradores estrangeiros, a fim de ficarem a par das notícias.

O jornal *O Estado de São Paulo* de 31 de março de 2015, data de seu aniversário, assim se expressa sobre o telégrafo:

O telégrafo era uma invenção da Revolução Francesa, ainda no século XVIII, mas foi o americano Samuel Findely Breese Morse quem transformou um sistema baseado em sinais visuais – pontos e traços – em um pulso de comunicação com base em código simples, em 1835. A transmissão da informação seguia por um fio, e os tais pontos e traços eram decodificados em palavras quando chegavam ao outro lado da linha.

O uso do telégrafo e da imprensa como fonte documental da história tem sido ferramenta importante para a elucidação de fatos, principalmente,

com relação à história social, permitindo um melhor conhecimento sobre as manifestações culturais e políticas envolvidas nos fatos históricos de interesse do pesquisador.

Sabe-se que a imprensa brasileira até os anos 50 caracterizava-se por pequenas empresas com gestão improvisada, centradas em posições políticas, “ultrapassando a simples função de espelho da realidade para tornar-se um instrumento de opinião pública”, como diz Zicman (1985: 89). Segundo este autor, compreenderam aqueles anos o período quando surgiu a imprensa sensacionalista popular, caracterizada pela cultura da violência e pela dramatização do cotidiano com farta ilustração e textos condensados. Considera o autor que no período anterior a 1930 a ausência de dados faz a imprensa recorrer a compilações em diferentes fontes para se chegar a algumas estimativas.

Mas o uso de imagens não pode ser limitado à “evidência” no sentido estrito do termo, deve-se também levar em conta “o impacto da imagem na imaginação histórica”. (Haskell, 1993. *In*: Burke, 2004)

Neste sentido, segundo Rosa (2005: 3), numa coletânea por ele organizada: *Pesquisa histórica e prática social: tendências e possibilidades*: o trato dos historiadores com as fontes faz ressaltar, ainda, que esse procedimento é cabível, tanto para as fontes tidas como oficiais, quanto para aquelas eleitas por pessoas comuns, como uma foto de família, um diário, uma escritura, etc. Ao lado disso, os trabalhos subvertem a ideia da aceitação da fonte como prova inquestionável da verdade.

Sobre a revista como fonte documental da história, considerando o fascínio que sempre despertou como documento da vida social, assim diz Ana Luiza Martins (2003: 5- 10) em *Da fantasia à história: folheando páginas revisteiras*, em cujas publicações reúnem-se: “texto, imagem, técnica, visões de mundo e imaginários coletivos”:

Insista-se que, sobretudo na virada do século XIX para o século XX, quando o jornalismo transformava-se em grande empresa, o caráter mercantil dos periódicos se acentuou, criados quase exclusivamente como "negócio" e fonte de lucros. [...] as revistas em geral matizavam a realidade [...] conformando o público leitor às demandas convenientes à maior circulação e ao consumo daquele impresso.

A imagem é importante enquanto representação de uma época, segundo Chartier (1990: 16), In: Vieira (s/d), “[...] Identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”, elementos importantes na compreensão de períodos históricos, tais como aqueles marcados pelo cangaço.

Barbosa (2005: 94-115), na mesma coletânea “Pesquisa histórica e prática social: tendências e possibilidades”,

“[...] percebe as fotografias arquivadas em museus e estampadas em periódicos e revistas sobre a seca no Ceará, acompanhadas de textos que as identificam como constitutivas de uma memória que se tornou dominante, apontando para a formação de uma imagem do nordestino como ‘faminto’ ou ‘flagelado’ e do Ceará refletindo o próprio Nordeste da seca”. Barbosa alerta também para a necessidade de problematizar essas imagens, indagando sobre o lugar no qual as fotografias foram feitas, quem as produziu, o local onde estão armazenadas; enfim, questionar os seus significados. Com essa indagação abre-se o caminho para articular e dar visibilidade a outras interpretações, não instituídas”.

Maciel (2005: 14-40) presente na mesma coletânea: *Algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa:*

A autora “articula as relações entre imprensa, memória e vida urbana, percebendo as mudanças que se processaram nos meios de comunicação através da expansão do telégrafo nas grandes cidades, onde este passa a mediar e participar das trocas e relações entre os habitantes”. Lembramos que esta autora em seu texto: *A nação por um fio. Caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon*. Diz assim:

A associação entre telégrafo e impressão serviu, muitas vezes, a interesses escusos divulgando notícias distorcidas’, já que se tratava de uma seção que permitia o anonimato e publicação de matérias pagas, o qual levou o governo e parcelas da imprensa a denunciar que o Noticiário telegráfico [era] repleto de inverdades.

Vale lembrarmos que em 1897 o jornal *O Estado de São Paulo* incorpora o telégrafo, como mecanismo ágil para estar em contato com os correspondentes e colaboradores, a fim de manter em dia as informações, segundo Maciel (1998: 85).

Incluimos com louvores no rol de impressos, a já antiga fonte documental, os folhetos de cordel, os quais, até hoje fazem circular por todo o Nordeste e fora dele, notícias, levadas ao público pelos menestrelis nordestinos e impressos em gráficas próprias com ilustração em xilos de autoria dos próprios poetas. Inesgotável fonte documental, onde Lampião comparece até hoje entre os astros de primeira grandeza, alimentando o imaginário popular.

Diz o historiador Cicinato Ferreira Neto em *A misteriosa vida de Lampião*: “Separar a verdade da mentira constitui-se tarefa das mais difíceis no que tange a saga dos cangaceiros”.

Material e método

O material exposto neste trabalho, resultante de nossos contatos diretos com informantes das cidades que compõem o Geopark Araripe e pelos caminhos que cortam as caatingas, não resultou de um rigoroso critério metodológico científico próprio de pesquisas de Etnofarmacobotânica. Mas, orientou-se por observações em âmbito geral voltadas a assuntos de nosso interesse, como adiante exposto, nas várias vezes que retornamos a essa região. Os dados ali coletados foram complementados em pesquisa junto a livros, artigos, dissertações e teses, constantes de acervos de Universidades, prioritariamente nordestinas, envolvendo não só a literatura especializada em Etnofarmacobotânica, mas, também, as áreas que a envolve, visto seu caráter interdisciplinar. Os resultados de tais pesquisas foram, em parte, apresentados no 4º Cariri Cangaço da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço - SBEC de 2013 os quais vêm a complementar os assuntos abordados no presente artigo, acrescido de novas pesquisas.

Interessados em conhecer como os fatos relacionados ao cangaço ocorridos no Nordeste eram divulgados em outras regiões do país, buscamos suporte, como já mencionado, no arquivo particular de Aristides de Arruda Camargo Neto, estudioso do cangaço, particularmente o período em que atuou Lampião e seu bando. Paralelamente, buscamos conhecer, a partir do acervo do jornal *O Estado de São Paulo*, como as notícias em tempo real chegavam ao Sudeste, naqueles anos 20 e 30 do século passado.

Resultado e discussão

Primeiramente, apresentamos um ligeiro esboço do Geopark Araripe, situado na porção cearense da Bacia Sedimentar do Araripe, a qual é compreendida de vários Biomas, com predominância da caatinga arbórea densa e da Floresta Nacional – FLONA, tendo sua origem remetendo aos eventos tectônicos associados com a abertura do oceano Atlântico sul – separação das placas continentais da América do Sul e da África, antigo Continente Gondwana (Ponte e Ponte Filho, 1996), de cujo evento ocorreram, em determinados momentos, rebaixamentos da crosta terrestre assim como elevação do nível do mar, a razão da preservação de fósseis marinhos no interior do Nordeste.

O Período Cretáceo, o último da Era dos dinossauros (Era Mesozoica, de cerca de 120 milhões de anos), indica que a região onde ainda se encontram fósseis tenha sido um enorme lago, o qual apresentava condições de preservação de fósseis: águas calmas e um fundo com ausência de oxigênio, impedindo a ação de bactérias na decomposição dos animais mortos. Lá estão fósseis de peixes, anfíbios, pterossauros, lagartos, aves e fósseis de vários tipos de vegetais, entre outros (Vilas Boas, 2012).

“Uma das coisas mais empolgantes no estudo de fósseis é encontrar preservados os chamados tecidos moles – basicamente tudo que não é osso no corpo do animal”, como diz Salvador Nogueira (2012: 42). Este autor refere-se a bactérias fossilizadas encontradas na crista de um pterossauro, o qual viveu há cerca de 115 milhões encontrado no Geopark Araripe nas proximidades de Nova Olinda, achado que ajudará a descobrir como os tecidos moles foram tão bem preservados, visto terem se fossilizado muito rapidamente, horas ou dias após a morte do animal, como comenta o autor.

Segundo Vilas Boas (2012), o Geopark Araripe, como parte da Bacia Sedimentar referida, engloba geossítios que guardam íntimas relações entre os elementos da geodiversidade e as comunidades humanas nos processos de ocupação da região.

Recordamos que fontes do saber médico popular podem estar entre populações autóctones, descendentes de antigas populações indígenas e, também, de quilombolas, descendentes de antigos habitantes de quilombos.

Neste sentido, tivemos a oportunidade de contatar comunidades com tais características durante nossas incursões caatinga adentro. Não podemos deixar de mencionar a rara oportunidade que tivemos durante o 4º Cariri Cangaço em 2013, de visitarmos locais históricos de vivência de Lampião e seu bando, a exemplo das fazendas dos antigos coronéis, muitas delas palco de ferrenhas batalhas entre as polícias, coiteiros de cangaceiros ou eles próprios.

Durante nossa peregrinação pelos sítios históricos do período do cangaço, durante aquele evento, ao nos determos, logo à entrada do caminho que nos levaria à sede da antiga fazenda Ipueiras, estava, ali, postada, à frente de sua casa, uma senhora, parecendo nos aguardar. O seu semblante sereno e ligeiro sorriso nos lábios, em plena caatinga sob um sol ardente, foram suficientes para lá nos determos. Era um casebre de pau-a-pique, já bastante desgastado pelo tempo, com dois cômodos e o mínimo de pertences em seu interior, nos fez, logo, perceber a extrema pobreza em que vivia junto a seu marido e filho, nos parecendo este portador de alguma deficiência.

Mas, sempre com aquele semblante sereno e sorriso nos lábios, ia a senhora trocando conosco um descontraído diálogo, nos contando como era a vida vivida naquele canto do mundo. Perguntada como resolvia os problemas de saúde, contou-nos sobre as plantas medicinais que tinha a sua volta, com as quais preparava os remédios. Destacando o poder das rezas e reforçando o poder de cura, discorreu sobre o poder da fé de maneira surpreendente. Destacou o juazeiro (*Sisyphus joazeiro*), ao dizer tratar de árvore sagrada, visto ter sido em sua sombra que Padre Cícero descansou, quando saiu do Crato em direção a Juazeiro. Afinal, era ela uma benzedeira, como tantas outras por aquelas paragens.

Logo mais tarde, seguindo viagem, já noite, encontramos esse testemunho de fé na cidade de Aurora, quando nos deparamos com uma estátua de Padre Cícero no centro de uma praça. Até ela iam chegando homens e mulheres vestidos de preto para acenderem velas a seus pés. Era dia de luto, 20 de setembro, aniversário de sua morte, como contou-nos uma moradora da cidade. Não tardou para que, logo, as inúmeras velas acesas iluminassem sua silhueta, proporcionando uma visão mágica, naquela noite em Aurora.

As caatingas no Geopark Araripe e a biodiversidade

A Caatinga, termo de origem indígena Tupi-guarani significando “floresta branca”, apareceu há cerca de 140 milhões de anos, já tendo sofrido alterações nos 400 anos de exploração predatória, gerando em certas áreas o processo de desertificação, possivelmente irreversível (Castro *et al* 2011:140). Convivendo com os prolongados períodos de seca, esta caatinga e as outras que se espalham pelo Nordeste, faz com que parte de sua vegetação perca as folhas, transformando-se numa floresta de galharia entrelaçada, esbranquiçada, cinzenta. Esta, todavia, é uma das extraordinárias estratégias da natureza a fim de manter a caatinga sempre viva, até a chegada das chuvas hibernais. E, ainda, favorecidas pelo clima, as folhas que caem passam por um processo de fenação, tornando-se alimento para os animais (Rizzini & Mors, 1976).

A insuficiência hídrica é uma característica marcante dos solos de caatinga. Daí as adaptações com a formação de órgãos de reserva nas raízes (xilopódios), nos caules e arranjos anatômicos específicos nas folhas, modificações no metabolismo, visando um melhor aproveitamento da água retida.

O armazenamento de água é típico em espécies lenhosas em alguns casos, como em barriguda ou paineira (*Ceiba glazjovii* (Kuntze) K.Schum. Bombacaceae.), retendo água no tronco formando uma grande barriga. Esta árvore tem tronco e galhos revestidos por acúleos (espinhos) em forma de funil, que dificultam a escalada de mamíferos e répteis, garantindo segurança às aves que fazem ninhos em sua copa.

Outro exemplo típico de reserva hídrica está no umbuzeiro (*Spondia tuberosa* L.) ou o híbrido natural entre *S. tuberosa* e *S. mombin* L. - Anacardiaceae, com ocorrência no Nordeste (Joly, 1976: 422), perdendo as folhas em períodos de seca (Santos *et al*, 2010) e vivendo cerca de cem anos. As raízes superficiais possuem um órgão – túbera – ou batata, na linguagem popular, onde armazenam água e substâncias nutritivas, garantindo a sobrevivência da planta. Seu fruto carnoso (Ferri *et al*, 1971) de alto teor alimentício é empregado pelo sertanejo na preparação de alimentos, visto amadurecerem no período de seca, quando é marcante a escassez de alimentos. Extraordinárias são as estratégias de adaptação desta árvore com o meio ambiente, ao estabelecer essa associação entre ela e o sertanejo, na qual ambos são beneficiados. Com a chegada das chuvas,

como num processo de encantamento, todo aquele emaranhado da galharia, aparentemente seca, transforma-se num verde matizado por uma cobertura de flores multicoloridas, mostrando, altaneira, que a Caatinga nunca perecerá se depender da mãe natureza.

Foi a partir do sec. XVIII que se iniciaram as buscas pela identificação das substâncias ativas responsáveis pela ação medicinal presente nas plantas, postulando a existência de “princípios”, os agentes ativos no tratamento de doenças (Carlini *et al*, 2007).

Os princípios ativos decorrentes do metabolismo secundário dos vegetais são aqueles que a ciência denominou flavonoides. São eles importantes para a interação dos vegetais com o meio ambiente (Silva *et al*, 2011), protegendo-os dos agentes oxidantes: raios ultravioleta, poluição, predadores como os insetos, os fungos e as bactérias, etc. Conforme Machado *et al* (2008), são eles que dão cor às flores e frutos e a outras partes das plantas. Estas são as artimanha da natureza visando criar atrativos para os polinizadores, os quais garantirão a continuidade das espécies da caatinga. Também as substâncias com odor, representadas pelos óleos essenciais voláteis, fazendo desprender de resinas, folhas e flores, os mais diversos aromas. Enfim, substâncias essenciais para o homem da Caatinga, tanto para sua alimentação, como para seus remédios. Pois, em todos estes atrativos representados pelos flavonoides, foi que a natureza imprimiu neles poderes curativos concentrados em uma ou várias partes da planta, desempenhando múltiplas atividades farmacológicas: anti-inflamatória, anti-infecciosa, antisséptica, antioxidante, antipirética, cicatrizante, antinociceptivo, princípios ativos estes, muitas vezes concentrados numa mesma planta, comumente em cascas e entrecascas.

Assim, percebemos estar na caatinga a farmácia do sertanejo de hoje e daquele que em tempos passados, movidos pelas circunstâncias, tornaram-se cangaceiros.

A medicina do cangaço

. Aqueles homens do sertão tinham quase sempre uma receita, um diagnóstico, um clister para resolver as mais diferentes situações que alteravam seus estados de saúde, como diz Oliveira (1982). Embora, haja controvérsias quanto a Lampião e seu bando entenderem pouco da arte de

curar, muito se fala da “competência” de Dadá, companheira de Corisco que, embora pertencentes a outro bando, vez por outra se juntavam.

Araújo & Fernandes (2005: 93), sobre a medicina praticada pelo grupo de Lampião, referem-se às raspas de pau de “quixabeira” (*Sideroxylon obtusifolium* (Roem, & Schult.) T.D. Penn. Sapotaceae) misturadas com álcool ou cachaça, como cicatrizante, colocado em ferimentos e, quando ingerido, a solução reanimava e dava força ao ferido. Sabemos, todavia, que os constituintes químicos característicos desta árvore estão presentes na entrecasca, assim como flavonoides de ampla atividade farmacológica e tanino⁴, cujas atividades apontam como antibacteriana, cicatrizante, anti-inflamatória, antioxidante e antinociceptiva, esta, capaz de reduzir a capacidade de se perceber a dor (Castejon, 2011).

“Juá” (*Zizyphus joazeiro* Mart. Rhamnaceae) e arnica não faltavam na bagagem do grupo de Lampião, por julgá-los fundamentais no tratamento de toda sorte de traumatismos, conforme Almeida (2006:119) e Oliveira (1982), estudiosos dessa medicina praticada pelos homens do sertão, liderados por Lampião. Quanto à arnica, ora usavam o produto adquirido em farmácia por coiteiros, ora a espécie do sertão ervas-lanceta (*Solidago microglossa* DC Asteracea), visto a espécie verdadeira (*Arnica montana*) ser nativa da Europa.

Outra espécie bastante empregada era o angico (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan - Fabaceae), cuja casca empregavam em ferimentos por cobra, depois de lancetar o local a fim escorrer o veneno. Todavia, é sabido que veneno de cobra recém-alimentada não é inoculado no momento de sua picada, visto o mesmo ser utilizado na digestão dos alimentos, favorecendo ao acidentado não socorrido com soro antiofídico, a não ocorrência de óbito.

Importante destacar que, independente do uso de espécies da caatinga, estavam também a pimenta malagueta (*Capsicum frutescens* L. Solanaceae) e o fumo (*Nicotina tabacum* L. Solanaceae) que, embora nativas, são cultivados em várias regiões do país, não sendo características só de caatinga. A pimenta malagueta, segundo Araújo & Fernandes

⁴ Na cura de feridas, queimaduras, inflamações, os taninos auxiliam formando uma camada protetora sobre o tecido lesado, permitindo que, logo abaixo dessa camada, ocorra a reparação natural daquele tecido (Castejon, 2011).

(2005: 91-2), usavam-na quando seca introduzida no orifício resultante de ferimento a bala, depois de lavado o local com cachaça ou água oxigenada. Segundo narram estes autores, o importante papel desse procedimento poderia estar na proteção do ferimento de uma possível ovoposição de moscas varejeiras. A pimenta malagueta, além de sua atividade antimicrobiana, reduz a sensação de dor, embora não seja analgésica. O fumo reduzido a pó era, também, usado em ferimentos a bala, conforme mencionam os autores acima, à p. 35. Lembramos que no século XVI, o fumo já era usado para curar os vermes que se criavam nas feridas das vacas e éguas, conforme narra Gabriel Soares de Sousa (1974)

Dadá, companheira de Corisco, ao narrar uma fuga pela caatinga levando Corisco ferido a bala no braço, conta como cuidou de seu ferimento com fratura exposta e agravamento do processo purulento, culminando, em determinado momento, com desmaio. Essa valente mulher deu-lhe uma dose de cachaça de “quixabeira” misturada com arnica, permitindo a Corisco voltar a si. Enquanto prosseguiram na fuga, ia drenando os abscessos e retirando partes de tecido necrosado e outras impurezas, colocando pó de fumo, de atividade vasoconstritora periférica, no ferimento.

Os procedimentos adotados por Dadá permitiram que ambos chegassem a um local seguro, a fim de dar prosseguimento àquela terapêutica até sua recuperação. Esta, sem dúvida, pode ter sido devido aos cuidados adotados por Dadá, evidentemente, corroborados pelas atividades biológicas dos princípios ativos das plantas empregadas, embora, tenham sido procedimentos precaríssimos e passíveis de desdobramentos fatais para a vida de Corisco.

Empiricamente analisando os cuidados médicos adotados por Dadá, nos foi possível perceber certas coerências, se comparadas a dados científicos sobre o material botânico empregado, assim como de certos procedimentos adotados por ela. Dadá vinha utilizando um canivete flambado para drenar a área infectada ao mesmo tempo em que ia removendo com os dedos as partes necrosadas, fragmentos ósseos e outras partículas estranhas, procurando, de certa forma, evitar a proliferação de microrganismos, a fim de diminuir o processo inflamatório e inibir o crescimento bacteriano. Ao mesmo tempo, lavava o local com água de “quixabeira”, obtida da raspa da casca e do cerne de seu tronco (Araújo &

Fernandes, 2005: 34). Além das propriedades já conhecidas da “quixabeira”, esta planta desenvolve uma enzima proteolítica que, certamente, colaborou na cicatrização do ferimento, ao lado do pó de fumo em sua propriedade vaso constritora periférica. Todavia, sabendo-se que o procedimento da retirada da pele necrosada por instrumento cortante seja de alto risco, visto a possibilidade de lesionar artérias, nervos e tendões (Ministério da Saúde, 2002), foi exatamente o que veio a ocorrer com Corisco; as sequelas decorrentes dos precários procedimentos adotados por Dadá vieram a limitar os movimentos da mão, punho e talvez antebráço (Araújo & Fernandes, 2005: 35), impossibilitando-o de portar armas pesadas.

Tal como fora para o cangaceiro de ontem como para o sertanejo de hoje, a caatinga acinzentada ou verdejante estará sempre ali, pronta para oferecer os remédios de que necessitam bem onde Padre Cícero espalha suas benesses e a quem Lampião devotava verdadeira veneração. Território respeitado pelo rei do cangaço e, assim, poupado de represálias da parte de autoridades. O Ceará compreendia território onde Lampião e seu bando circulava em segurança, para ira dos estados vizinhos que protestavam contra a indiferença das autoridades locais em não colaborarem na captura de Lampião e seu bando. Esta, todavia, é uma história de muitos meandros, sobre os quais não cabe aqui esmiuçar. Citamos apenas, uns poucos dados divulgados pela imprensa de época, como amostragem dos sentimentos que norteavam o nordestino diante dos horrores do cangaço.

Segundo jornal da Paraíba *Gazeta do Povo* de 15 de abril de 1926, Padre Cícero, ao ser interrogado sobre o porquê de ter dado guarida a Lampião quando ele esteve em Juazeiro⁵ e não mandou prendê-lo,

quando para isso, bastava um aceno à autoridade policial [...], respondeu:

- Não, meu amiguinho! Lampião procurou o Joazeiro com intuitos patrióticos: ele pretende se alistar nas forças legais para o combate a revoltosos . [...] se não for possível [...] eu o encaminharei para Goyaz onde levará vida honesta, [...] mandar prendê-lo aqui em Joazeiro nestas

⁵ Sua ida a Juazeiro visava buscar a patente de Capitão do Batalhão Patriótico para defender Juazeiro da Coluna Prestes que avançava sobre o Nordeste.

circunstâncias ?! Será um ato de revoltante traição indigno de qualquer homem quanto mais de um sacerdote cathólico.

A indignação dos estados vizinhos se mantinha.

Em *O Estado de São Paulo* de 16 de junho de 1927, registra a seguinte notícia:

Fortaleza 15. A notícia aqui chegada de que o Presidente da Parahyba comunicou ao presidente da Republica dr. Washington Luiz o descaso do governo cearense que nada tem feito para a captura do bandido Lampião e seu bando está sendo muito comentada.

Em *O Estado de São Paulo* de 19 de junho de 1927, consta que, em virtude de não se saberem do paradeiro de Lampião depois de deixar a cidade de Limoeiro⁶, assim diz a notícia:

Fortaleza 18

[...] a imprensa desta Capital, diz ironicamente [...], quando em breve se souber que os cangaceiros voltaram a repousar na Fazenda Coxá⁷, situada no Município de Aurora [...] que é de propriedade de conhecido chefe situacionista cearense.

Em outro momento, *O Estado de São de Paulo* de 11 de julho de 1927 assim noticia:

São Salvador 10

Recem chegado do Ceará, o sr. José Ribeiro da Costa fez a seguinte declaração à imprensa sobre o bandoleiro Lampião: Venho do Norte, venho do Ceará. Lampião ali como em Pernambuco está seguro de qualquer perseguição, cuja eficiência eu ponho minhas dúvidas.

- A religiosidade do povo do sertão

⁶ Cidade alvo de ataque de Lampião, o qual ocorreu pacificamente, tão logo soube que estava em território cearense, domínio de Padre Cícero a quem dedicava respeito e devoção.

⁷ Propriedade do médico e deputado Federal Floro Bartolomeu, político influente.

A religiosidade do sertanejo nessas terras de domínios do Padre Cícero é, sem dúvida, ímpar. Porém, entendê-la em meio ao homem da cidade ou ao homem da caatinga é ato impossível sem retrocedermos no tempo. Fomos buscar em padre Ibiapina – José Antônio Pereira Ibiapina (1806-1883) – os subsídios de que necessitávamos a fim de entendermos o que víamos pelas ruas de Juazeiro do Norte, sem dúvida o centro desse universo sacralizado. Cruzávamos com romeiros e beatos, estes em suas indumentárias próprias transpondo a Colina do Horto onde se encontra a enorme estátua do Padre Cícero, assim como com penitentes. Estes, surgidos das ideias de Ibiapina de difundir a importância da penitência, levando “participantes de suas missões ao arrependimento emocionado e outros ao horror diante dos gemidos e suspiros dos penitentes e da imagem da carne rompendo-se pelo suplício do açoite” na autoflagelação. (Ribeiro, 2003).

Padre Ibiapina atuou no cenário nordestino exatamente entre 1856 e 1883, quando a miséria e o flagelo social ocasionado pelas sucessivas secas, provocou movimentos migratórios e o afluxo de miseráveis se concentrando nas cidades, significando ameaça social, como diz Bezerra (2010). Acrescenta a autora que “o contexto demandava a fundação de um novo estado de valores civilizadores e reguladores, que deveria ser aplicado às camadas mais pobres [...]”. Segundo a autora, foi um período marcado pelo alheamento das ações políticas dispensado aos sertanejos do Nordeste, levando-os a desenvolver “uma vida religiosa a partir do sertão, com características sertanejas”, voltada às necessidades do povo (Oliveira, 2007: 59-74). Fundou Casas de Caridade, construiu igrejas e criou cemitérios, como fez em outros estados nordestinos por onde peregrinou, como conta Mariz (1942: 70), assim como atraiu devotos para si, os quais, fanatizados pela pessoa e obra do padre mestre, seguiam-no como servo nas viagens e missões, renunciando a tudo. Eram os beatos vestindo camisões, descalços e sem chapéu, com uma cruz e os bentos pendurados. Lembramos a prolongada seca de 1877 a 1879. Na ocasião, beato Inácio seguiu para o Sul em busca de auxílio, arrecadando importante soma a fim de socorrer os órfãos das Casas de Caridade. Lá, impressionando a Corte, fez chover esmolas, permitindo assim “socorrer os desvalidos, famintos, os mil órfãos das casas de caridade de Ibiapina” [...] O desgraço da fome se amenizou nos fins de 78, com os auxílios do Rio e os socorros do governo, que aliviaram o peso dos retirantes, como diz Mariz (1942: 170).

Todavia, contrariando o que diz o autor acima, São Paulo contribuiu com grandes somas tal como registou o jornal *A Província de São Paulo* de 26 de outubro de 1878, hoje o jornal *O Estado de São Paulo*, na primeira página:

A missão do irmão Ignacio frutifica! Exclamam algumas [...] com o fim de auxiliar o padre Ibiapina em sua missão [...] Tem-se organizado récitas, theatros e subscrições públicas, com o fim de auxiliar o padre Ibiapina em sua missão. [...] não poucas pessoas do Ceará que dão mais informações do padre Ibiapina, trazendo graves dúvidas sobre o estado de taes orphans. Tudo isto no caso de existirem, porque ninguém ainda garantiu tal fato. Faz-se estylo, recolhe-se esmolos, dão-se muito auxílio importante... a uma hypothese. É muito chic. Luis de Andrade.

E as doações foram se seguindo, a exemplo de uma vinda da cidade de Santos, tal como registra *A Província de São Paulo* de 14 de dezembro de 1878: “O sr. Antônio Marcelino de Sant’Anna entregou ao sr. padre Barroso a quantia de 200\$000 para ser remetida ao padre Ibiapina, sendo essa quantia produto de uma subscrição”.

Deduz-se do noticiário acima a importância da participação de paulistas no montante arrecadado, corrigindo ou acrescentado sobre o que diz acima Celso Mariz (1942: 170, 174).

- Padre Cícero

Sem dúvida, foi pelos caminhos por nós percorridos do semiárido cearense, que percebemos e sentimos a religiosidade incorporada naquele povo devoto de Padre Cícero Romão Batista, grato pelos benefícios recebidos dele, devoção que, historicamente, teve início a partir de dois acontecimentos singulares: um sonho que tivera com Jesus falando a seus apóstolos enquanto atraía multidões de indivíduos esfarrapados, miseráveis. Jesus, naquele momento, dirigindo-se ao Padre Cícero, disse:

“Você, Cícero, toma conta dessa gente” (Neto, 2009: 44).

Outro acontecimento deu-se quando da transubstanciação da hóstia em sangue na comunhão que Padre Cícero dera à beata Maria de Araújo, em

1889 (*Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, vol. Ceará, 1959: 332), fato admitido como consumação de um milagre, como diz Della Cava (1985: 45). Porém, fato que lhe rendeu dissabores, inclusive proibido por ordens superiores de exercer o sacerdócio, além da excomunhão. Mas, nada disto impediu de ser o taumaturgo do sertão.

Todavia, devemos recordar a influência das pregações de Ibiapina em Padre Cícero em seu exemplo de serviço junto ao povo pobre e humilde e na perpetuidade da figura dos beatos, uma vez ser comum vê-los pelas ruas de Juazeiro em seus trajes próprios. Lembramos, ainda, os penitentes organizados em grupos, tal como a Ordem dos Penitentes e a autoflagelação em nome de Deus, em Barbalha, CE, criado em 1860, cantando para os mortos e sangrando para Deus. Tal prática ocorre na quaresma quando os penitentes se açoitam com o “cacho da disciplina, repleto de lâminas, prática que acontece na quaresma”. Acreditam que Padre Cícero seja o filho de Deus desencarnado e o “Próprio Deus”. A revista *Região* de 20 de fevereiro de 1971⁸ traz uma reportagem sobre a Seita dos Penitentes em Juazeiro, “admitindo que Padre Cícero fosse o filho de Deus desencarnado e o próprio Deus”. Outros mais grupos de penitentes estão por outras cidades do Cariri.

São muitos os autores que trataram da vida de Padre Cícero mitificado por uns e desmitificado por outros, como diz Magalhães (2012), citando alguns exemplos⁹, assim como sobre seu envolvimento político. Neste sentido, Ralph Della Cava (1977) em entrevista para *O Globo*, retransmitida pelo Portal da escritora Elaine Elesbão por ocasião do lançamento, em 6 de junho de 2014, da reedição de seu livro *Milagre de Juazeiro*, retratando a trajetória desse padre, diz ele:

[...] a sociedade brasileira da época, em inícios do séc. XX, e a imprensa sensacionalista que o projetaram como poderoso ator político, coisa que ele, definitivamente não era. Seus atos políticos [...] tinham como objetivo conquistar a simpatia do Vaticano e o restabelecimento de seu direito de pregar, ouvir confissões e celebrar missa.

No entanto, há controvérsias sobre o perfil político de Padre Cícero. Em 27 de dezembro de 1913, o jornal *O Estado de São Paulo* assim se refere ao padre: “[...] desse egresso da fé católica em serviço da política [...] Dizem essas informações que o núcleo maior de fanáticos do cabecilha suspenso das ordens é

⁸ Acervo de Aristides de Arruda Camargo Neto.

⁹ Leia-se: Anselmo (1968), Sobreira (1969), Della Cava (1977).

composto de soldados do exército à paisana”. Esta era a ocasião em que precedia A revolta de 1914, também conhecida por Sedição de Juazeiro, um confronto entre as oligarquias cearenses e o governo federal, episódio em que Padre Cícero, sabe-se, teve atuação direta¹⁰.

Em 1925 o mesmo jornal, em 29 de maio de 1925, divulga uma nota enviada diretamente de Fortaleza dizendo: “[...] O padre Alencar Peixoto anuncia para breve um livro que se intitulará *O diabo e os seus sequazes, ou o padre Cícero e os seus romeiros*”.

Enfim, recomendar leituras, seria tarefa quase impossível. Como diz o historiador Napoleão Tavares Neves (2009: 102): “sua vida continua debatida, estudada em seminários, simpósios, em mais de 120 livros publicados sobre seus feitos [...]”.

- Romarias, beatos e penitentes.

Notadamente na Colina do Horto, em Juazeiro do Norte, a qualquer época do ano, lá estão romeiros desembarcando de ônibus e de paus-de-arara a fim de render-lhe graças por curas alcançadas, entre outros milagres.

Beatos e penitentes representam castas de devotos de Padre Cícero, herança do tempo do Padre Ibiapina, compreendendo grupos de homens e mulheres que, fanatizados pela sua obra e pessoa entregam a ele sua alma. Vemos beatos pelas ruas de Juazeiro, identificados pela indumentária que os caracterizam..

Citamos como exemplo Beato Lourenço, admitido pelos fiéis de Padre Cícero como seu seguidor. Teve amplitude o papel que ele representou a partir de suas atividades missionárias ligadas ao célebre Caldeirão dos Jesuítas, nas imediações da cidade do Crato, onde ele tornou-se líder religioso da seita da Santa Cruz do Deserto junto à comunidade que ali se desenvolveu em moldes socialistas, cujo lema era: “trabalho - oração - penitência”. Como diz Araújo (2007: 91), “com a revolta comunista de 1935, corriam suspeitas de existirem comunistas infiltrados naquele reduto,

¹⁰ Ler Neves

sob a proteção do beato, levando as autoridades federais a dar cabo do reduto em 1936”¹¹.

Considerações finais

A partir de uma abordagem etnofarmacobotânica procuramos traçar um paralelo entre as estratégias de sobrevivência das espécies nativas do bioma caatinga face às intempéries sazonais que as maltratam e as estratégias do sertanejo face às dificuldades de toda ordem, as quais, rondavam sua vida de errante, repudiado pela sociedade de época, perseguido e sujeito a desgastes da saúde, levando-o a se utilizar daquilo que a natureza lhe oferecia no afã de sobreviver, tendo como suporte na superação de tudo, crenças várias, considerando o papel preponderante de Padre Cícero em sua vida pessoal e religiosa, como numa simbiose Homem/Natureza/Crença.

Fazendo nossas as palavras de Cícinato Ferreira Neto, já mencionado, “separar a verdade da mentira constitui-se tarefa das mais difíceis no que tange a saga dos cangaceiros. Neste sentido, vimos procurando subsídios que nos levem pelo menos a nos aproximarmos da verdade”.

Entendendo a imprensa atrelada ao telégrafo como fonte documental da história, a ela recorreremos a fim de buscarmos subsídios esclarecedores sobre fatos ocorridos no distante nordeste dos tempos de cangaço, os quais esperamos possam vir a colaborar com os trabalhos de aficionados desse tema.

¹¹ Para o detalhamento do ocorrido, recomenda-se entre outras obras: Araújo, Iaperi. *A cabeça do rei. A morte de Virgulino Ferreira da Silva, Lampião*. Natal: Ed. Nordeste Gráfica; 2007.

Jornais consultados.

A Província de São Paulo de 26 de outubro de 1878.

de 14 de dezembro de 1878.

O Estado de São Paulo de 20 de fevereiro de 1913.

de 29 de maio de 1925.

de 16 de junho de 1927.

de 19 de junho de 1927.

de 11 de julho de 1927.

A Gazeta do Povo (Paraíba) de 15 d abril de 1926.

Diário do Pernambuco de 19 de dezembro de 1934.

Revista

A Região – Crato – Ceará, de 20 de fevereiro de 1971.

Bibliografia

ALMEIDA, Isnaia Firmínia de Souza, Lampião: a medicina e o cangaço, CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais (11) outubro de 2006 pp. 112-130.

ANDRADE, Mário. O turista aprendiz, estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopes. Belo Horizonte, Itatiaia, 2002.

ANSELMO, Octacílio, Padre Cícero: mito e realidade, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

ARAÚJO, Antônio Amaury Correia de; FERNANDEZ, Leandro Cardoso. Lampião, a medicina e o cangaço. Aspectos médicos do cangaceirismo. São Paulo, Traço Editora, 2005.

ARAÚJO, Iaperi, A cabeça do rei. A morte de Virgulino Ferreira da Silva, Lampião, Natal, Ed. Nordeste Gráfica, 2007.

BARBOSA, Marta Emília Jacinto. Os famintos do Ceará. Fenix Revista. de História e Estudos Culturais abril/maio/junho V.2 Ano II (2) 2005.

CARLINI, Elisaldo A.; RODRIGUES, Eliana; Mendes, Fúlvio RIELI *et al.* Da planta medicinal ao medicamento., Scientiphic American Society, 2007.

CHARTIER, R, A história cultural: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1990.

BARRETO, Angelo Osmiro, Assim era Lampião e outras histórias, Fortaleza, L.C.Gráfica e Editora, 2012.

BEZERRA, Osicleide de Lima, Trabalho, pobreza e caridade: as ações do Padre Ibiapina nos sertões do Nordeste. Tese de doutorado em Ciências Sociais da Universidade do Rio Grande do Norte, 2010.

BEZERRA, Maria Cristiane, Costa, Antônio Fernando J. Lobo, Aurylene Cordeiro *et al.* Ex-votos: Manifestação de fé e cultura popular em Juazeiro do Norte – CE. Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade vol.7 2012.

BURKE, P. Testemunho ocular – imagem e história, Bauru SP, EDUSC, 2004.

CARVALHO, Daniella K. Princípios ativos de plantas medicinais, Curso de enfermagem. Disciplina: Fitoterapia – Universidade do Sul de Santa Catarina, s/d.

CASTEJON, Fernanda Vieira. Taninos e saponinas – Seminários aplicados Nível mestrado -. Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiania, 2011.

CASTRO, Sérgio Antônio, Cavalcante, Ambrósio, Flores da caatinga, Campina Grande PB, Instituto Nacional do Semiárido, 2011.

DELLA CAVA, Ralphy, Milagre em Juazeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1985.

ENCICLOPEDIA dos Municípios Brasileiros, vol. Ceará, 1959.

FERRI, Mário Guimarães; Menezes, Nanuza Luiza de; Scanavacca, Walkiria R.

Monteiro, Glossário de termos botânicos, São Paulo: Ed. Edgard Blucher/ Edusp, 1971.

GASTÃO, Paulo Medeiros, O cangaço e a imprensa, Mossoró, RN, 2012.

HASKELL, Francis, History and its Images, New Haven, Yale UP, 1993.

JOLY, Aylthon B., Botânica, Introdução à taxonomia vegetal. 3ª ed., São Paulo: Editora Nacional, 1976.

MACEDO, Octacilio. Entrevista. In: O sertão. Da caatinga, dos santos, dos beatos e dos cabras da peste. Emanuel Araújo (Org.) São Paulo, Museu Afro Brasil, 2012.

MACHADO, Hussen; Nagene, Tanus; Peters, Vera M. *et al.* Flavonoide e seu

potencial terapêutico. Juíz de Fora MG, *Boletim do Centro de Biologia da Reprodução* vol.7 (1/2): 33-39, 2008..

MACIEL, Luzia Antunes. A nação por um fio. Caminhos, ráticas e imagens da Comissão Rondon – EDUC/Fapesp, 1998.

MAGALHÃES, Maria de Fátima O. Imagens contraditórias da figura popular de Padre Cícero: mitificação e desmitificação, Dissertação de mestrado – PUC - SP . Literatura e crítica literária; 2012.

MARIZ, Celso. Ibiapina – um apóstolo do Nordeste. João Pessoa PB: A União Editora; 1942. (Academia Paraibana de Letras).

Martins, Ana Lúcia). Da fantasia à história: folheando páginas revisteiras, in: História [online]. vol. 22, no 1, 2003 pp. 59-79.

MELLO, Frederico Pernambucano de. Guerreiros do sol. São Paulo, A Girafa,

In: O Sertão. Da Caatinga, dos Santos, dos Beatos e dos Cabras da Peste. (Org.) Emanuel Araújo. São Paulo: Museu Afro Brasil: 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Políticas de Saúde. Dep. Atenção Básica.

Manual de condutas para traumatismos neutróficos e traumáticas. Brasília, Ministério da Saúde, 2002.

NETO, Lira, Padre Cícero que conheci: verdadeira história de Juazeiro do Norte. Fortaleza, Premius 2001.

NEVES, Napoleão Tavares. Cariri: cangaço, coiteiros e adjacências (crônicas cangaceiros), Brasília, Thesaurus, 2009.

_____. Cariri: ninho da História regional, berço de heróis, de mártires e de santos. Edições IPESC-URCA; 1997.

NOGUEIRA, Salvador, As bactérias que comem pterossauros, Fósseis de microorganismos fora encontrados na crista de réptil voador que viveu há 115 milhões de anos., Pesquisa FAPESP 191, janeiro de 2012, 61.

OLIVEIRA, Felipe R.P.; Nascimento, Marcia S. Análise dos compostos Secundários das plantas hospedeiras de galhas entomógenas da caatinga. XV Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal do Pernambuco – UFP, 2007.

OLIVEIRA, Aglae Lima. Lampião, cangaço e nordeste. s/l, Editora O Cruzeiro 2ª Edição, 1982.

OLIVEIRA, Xavier. Beatos e Cangaceiros – História Real, observação pessoal e impressão psicológica de alguns dos mais célebres cangaceiros do nordeste. Rio de Janeiro, 1920.

PONTE F.C. & PONTE-FILHO F.C. 1996, Estrutura Geológica e Evolução Tectônica Bacia do Araripe Departamento Nacional de Produção Mineral/MME, Rio de Janeiro, Brasil, 1996.

PRATA, Ranulpho. Lampião. Rio de Janeiro: Ariel; 1934. In *O Sertão. Da Caatinga, dos Santos, dos Beatos e dos Cabras da Peste.* (Org.) Emanuel Araújo. São Paulo: Museu Afro Brasil: 2012.

RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (1860 – 1883).

Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2003.

RIZZINI, Carlos Toledo; Mors, Walter B. Botânica econômica brasileira. São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo (EDUSP), 1976..

ROSA, Ivani, Pesquisa histórica e prática social: tendências e possibilidades, Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Revista de História e Estudos Culturais, Abril/Maio/Junho v.2 Ano II (2), 2005. somalinnny@yahoo.com.br

- SANTOS, Márcio Barros dos; Cardoso, Luís Cardoso; Fonseca, Antônio A Oliveira *et. al*, Caracterização e qualidade de frutos de umbu-cajá (*Spondias tuberosa* X *S. mombin*) provenientes do recôncavo sul da Bahia. *Rev. Bras. Frutic.*, Jaboticabal - SP, v. 32, n. 4, p. 1089-1097, Dezembro 2010.
- SILVA, T.C.L.; Almeida, C.C.B.R.; Veras Filho, J. *et al*. Atividades antioxidante e antimicrobiana de *Zizyphus joazeiro* Mart. (Rhamnaceae): avaliação comparativa entre cascas e folhas. *Ciência Farmacêutica Básica Aplicada* 32 (2) 2011:193-194.
- SOBREIRA, Sobreira, Azarias. O patriarca de Juazeiro. *Revista do Instituto do Ceará*; 1969.
- SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. São Paulo, Dep. Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura – MEC, 1974.
- VIEIRA, Lucas Schuab. A imprensa como fonte para a pesquisa em História: Teoria e método. Faculdade de Ciências e Letras. UNESP – Assis SP s/d. www.bocc.ubi.pt
- VILAS BOAS, Mariana Pinheiro, Patrimônio paleontológico e proposta de conservação. Escola de Ciências, Universidade do Minho, Portugal. Dissertação de mestrado, outubro de 2012.
- ZICMAN, Renée B. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. *Revistas PUCSP/br/index.php/revphp/article/viewField/1241018995*

JORNAIS.

- Gazeta do Povo*, 1926. (Paraíba)
- Diário do Pernambuco*, 1934. (Pernambuco)
- Diário do Nordeste* 2012. (Ceará)
- A Província de São Paulo* de 26 de outubro de 1878. (São Paulo)
- O Estado de São Paulo* de 29 de maio de 1925. (São Paulo)
- de 11 de julho de 1927. (São Paulo)